

## **Desenho de uma paisagem carioca no traço de Sergio Bernardes.**

**Elizabete Rodrigues de Campos Martins<sup>1</sup>**

### **Resumo:**

O presente artigo expressa os traços iniciais de uma pesquisa sobre habitação unifamiliar, em especial a de um grupo de residências implantadas no Humaitá, em um terreno “anfiteatro”, parafraseando seu próprio autor: o arquiteto Sergio Bernardes. Aqui são tratadas as idéias geradoras fundamentadas no “Plano Diretor das Favelas com Relação ao Desenvolvimento Global” de 1960.

### **Resumée:**

Ce travail se presente comme le commencement d’une recherche sur les habitations unifamiliaires projectées par l’architecte Sergio Bernardes dans le quartier Humaitá. Ici seront traités les idéés fondamentales de son “Plan Directeur des Bidonvilles par rapport au développement global” de 1960.

Preservação da Memória – arquivos de arquitetura  
– arquitetura e paisagem

---

<sup>1</sup> Professor Associado Doutor do Departamento de Projeto de Arquitetura; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação da UFRJ – FAU desde 1997, Pesquisadora do PROARQ.

Cidade planejada pela própria natureza e esbandalhada por burocratas incapazes, o Rio tem uma vocação universal e é planejada dentro da maior mediocridade<sup>2</sup>.

Essa era justamente a idéia que estimulava a reflexão do arquiteto Sergio Bernardes, em traços e em textos, para solucionar os problemas da sua cidade: o Rio de Janeiro. Essas idéias, desenhadas e escritas, constituem o acervo desse importante arquiteto pensador que foi recentemente integrado ao Núcleo de Pesquisa e Documentação, UFRJ-FAU. Na qual Sergio Wladimir Bernardes estudou até 1948, quando Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual UFRJ.

Na década seguinte, concomitante aos prêmios e aos projetos marco<sup>3</sup> para a cidade Sergio, como um arquiteto humanista, aprofundou sua reflexão sobre questões relevantes do pós-segunda guerra. Preocupou-se em explorar os limites dos materiais e técnicas, como a estrutura metálica, por

---

<sup>2</sup> Entrevista para o jornal O Globo de 19 de outubro de 1970.

<sup>3</sup> Os postos de salvamento para a orla marítima; o ousado projeto do pavilhão de São Cristovão da década de 1950; a residência para Lota Macedo Soares de 1951, com a qual foi laureado em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de São Paulo, relembrando apenas alguns dos exemplos no Rio de Janeiro.

exemplo, visando justamente aplicá-las as novas estruturas sociais. Com ele explica:

O urbanista, o arquiteto, o ecólogo tem sempre, por definição, problemas globais. (...) A concentração urbana é também pressuposto do desenvolvimento industrial acelerado, como é pressuposto do crescimento veloz do setor terciário — urbano, por definição. Se é assim, não há porque considerar mera projeção estatística a afirmação de que, em duas décadas no máximo, o País terá mais de 150 milhões de pessoas vivendo nas cidades (duas vezes e meia a população atual). Trata-se, no caso, de simples constatação de uma realidade futura, mas próxima. (...) É absolutamente irrelevante ser otimista ou pessimista, visionário ou profeta do apocalipse. O que importa é ser realista e imaginar soluções, criar saídas para os aparentes impasses que a Historia tece ao longo da trajetória humana.<sup>4</sup>

E esses impasses tecidos ao longo da trajetória humana, relacionavam-se a habitação dos menos favorecidos, sobre a qual muito se dedicou a partir dos Bairros Obreiros de 1957 que culminou no plano-diretor de 1960 para as favelas cariocas.

---

<sup>4</sup>BERNARDES, Sergio, **Considerações de base**. In: BERNARDES, Kyka e CAVALCANTI, Lauro (org.), **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: ARTEVIVA, 2010, p. 140 e 142.

Apesar de a questão continuar irresolvida após dezesseis décadas dessa proposição.

E essa quase inerte movimentação via soluções sublinha o estado oficial do nosso atraso no âmbito da habitação, da saúde e da educação. Pensou muito, como afirma Alfredo Britto —“Foram mais de quarenta anos (1959-2002) estudando a cidade, formulando soluções, explorando rupturas do convencional e do estabelecido, para devolver o sentido produtivo e alegre do viver carioca”<sup>5</sup>.

O que nos remete a problemática da “memória” mencionada por Ulpiano Bezerra de Meneses por entendê-la como “a responsável pelo caráter problemático (...) do conceito de passado [brasileiro].<sup>6</sup> Embora Jacques Le Goff sublinhe que “a memória é a matéria prima da história”<sup>7</sup> e esta, por sua vez, alimenta a outra fazendo parte do grande processo dialético entre a memória e o esquecimento — passado e presente — vivido por indivíduos e sociedades. Quer dizer, um processo

---

<sup>5</sup> BRITTO, Alfredo, **Sergio Bernardes e o Rio**. In In: BERNARDES, Kyka e CAVALCANTI, Lauro (org.), **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: ARTEVIVA, 2010, p. 131.

<sup>6</sup> BEZERRA DE MENESES, Ulpiano, **A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações**. In LOPES DA SILVA, Zélia (organizadora), **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas**, São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques, **Histoire et mémoire**. Paris: Éditions Gallimard, 1988, p.10

que deveria se constituir naturalmente no aprofundamento de todos os envolvidos com questões x soluções cidadinas.

Por exemplo, a memória da paisagem urbana carioca, começa a ser problematizada e adquirir importância, a partir da metade da década de oitenta com a criação do Corredor Cultural pelo arquiteto Augusto Ivan Pinheiro. Quando o conjunto de objetos arquitetônicos da cidade, representativos de seus diferentes períodos históricos, se reveste de importância independente dos “estilos” os quais representam. Nesta mesma década também foi criado o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, objetivando a preservação do conjunto documental elaborado, tanto por alunos quanto, por diferentes profissionais da área. A idéia não era apenas colecionar documentos arquitetônicos e urbanísticos, mas preservá-los como um próprio monumento, parafraseando Foucault e Le Goff, a fim de que inspirassem não apenas estudos teóricos ou históricos do campo, mas o próprio *savoir-faire* da arquitetura e do urbanismo.

E com a vinda do acervo Sergio Bernardes para o NPD, retomei questões ainda não constatadas. No momento em que aguardávamos a chegada da transportadora que fazia o traslado dos documentos vindos da Fundação Oscar Niemeyer

para o NPD, perguntei a viúva do arquiteto, doadora do acervo, se havia conseguido recuperar a documentação do projeto para a residência horizontal multifamiliar no Humaitá, por julgá-lo como uma proposta de qualidade, a ser estudada, como uma solução para o problema habitacional em cidades com as mesmas características morfológicas. Face ao volume documental e ao problema de seus diferentes deslocamentos, não poderia assegurar sua existência, entretanto orientou-me a ler os textos por ele escritos no livro “**Sergio Bernardes**”, organizado por ela em parceria com Lauro Cavalcanti, nos quais identificaria o embrião da residência multifamiliar a qual me interessava.

A nova doação não apenas aumentou a importância do acervo NPD, mas ampliou consideravelmente as perspectivas para o conhecimento das reflexões e filosofia aplicada a arquitetura da cidade de mais um importante arquiteto, sobretudo na questão da habitação como ensina Sergio Bernardes — é um processo que tantas vezes é veementemente lembrado, em outras demagogicamente esquecido.

Entretanto, na medida em que as cento e cinqüenta caixas, acondicionando 22500 plantas, 328 rolos e 8500 fotografias, entravam no acervo do NPD, aumentavam as chances de recuperar as idéias do arquiteto. Esses documentos são revelados pouco a pouco, um a um, para a

avaliação de seu estado de conservação e a execução do inventario detalhado com sua exata dimensão. Evidentemente que pela própria trajetória deste acervo, e sua numerosa documentação, seria impossível assegurar-me sobre a existência das pranchas desse projeto específico. Tampouco apagou minha velha curiosidade sobre o conjunto de casas dispostas horizontalmente no terreno da Rua Pinheiro Guimarães, visinho de um lado ao do IBAM – Instituto de Administração Municipal e, do outro de um edifício residencial torre convencional, acessadas por dois planos inclinados das laterais: direita e esquerda. Porém, já fui informada de que esse projeto foi uma encomenda do Sr. Sziona Goldfeld, a Sergio Bernardes<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Kykah Bernardes informa via mail em setembro 2012.  
“Porém sabemos foi contratado pela empresa do Sr. Szlona Goldfeld, pai de uma arquiteta chamada Beatriz Goldfeld.”



Fotos: Beti Martins final de agosto 2012

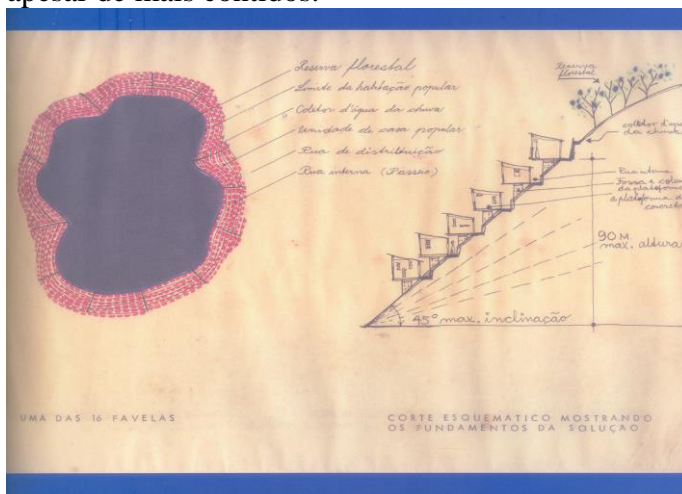
Deste modo, os primeiros passos frutificados neste ensaio, consubstanciam-se essencialmente nas ideias do arquiteto contidas no livro **Sergio Bernardes** organizado por Kykah Bernardes e Lauro Cavalcanti publicado em 2010, anteriormente citado. Ali se evidenciou no estudo do plano de 1960 para a favela de Irajá, a recorrente idéia do arquiteto para o "Desenvolvimento de Projeções Habitacionais coletivas, nos morros com aproveitamento urbano das reservas florestais, com base no equilíbrio entre dispersão e concentração." [sem data]<sup>9</sup>, os traços iniciais para o partido

---

<sup>9</sup> Informação em um antigo currículo do arquiteto: Kykah Bernardes via mail em setembro 2012.



adotado no conjunto de residências do Humaitá, apesar de mais contidos.



Fonte: 1

Na introdução Sergio Bernardes lança duas questões: uma sobre como resolver o problema e a segunda como cobrir o déficit habitacional sem financiamentos ou doações substanciais na ideia de que:

Entre os graves problemas sociais do país, poucos tem sido abordados mais demagogicamente do que o problema habitacional. A essência da demagogia é a exacerbação dramática das condições de vida e a prodigalidade das soluções paternalistas a casos parcelados, que se prestam a efeitos publicitários. Quando se constroem mil residências novas num país cujo “déficit” é de milhões de residências e anualmente aumenta em

centenas de milhares, apenas se agravou o problema, afirmando a favor e o privilégio para mil. Ademais, não existe pior forma de estatismo antidemocrático do que o estatismo demagógico, que se incrusta como um tumor na própria democracia<sup>10</sup>.

A atualidade das preocupações de Sergio Bernardes — “Plano Diretor das Favelas com Relação ao Desenvolvimento Global” de 1960 e outros estudos, revelam-no o efetivo atraso das soluções urbanas e do problema carioca da “memória” identificado por Ulpiano Meneses, anteriormente abordado. Pesquisar proposições distantes dezesseis décadas não é uma atitude contemporânea, apesar de enriquecedora!

Entretanto ele prossegue explicando que:

[sic] A solução não pode, portanto, ser encontrada visando o indivíduo, através da ‘casa própria’, com a padronização arquitetônica que deshumaniza o homem e paradoxalmente dissocia o grupo, dificultando a luta por aqueles interesses comuns que só podem ser satisfeitos em comum. A solução ao problema habitacional da comunidade (grupo primário) há de ser buscada na dinâmica do processo grupal e utilizando-se a força do próprio grupo,

---

<sup>10</sup> Idem, op. cit., 146.

cuja coesão se promove e cujo vigor aumenta<sup>11</sup>.

E em seis itens conceitua o que define como:

“[sic] a solução do solidarismo ao problema social da habitação, caracterizada pelo respeito à liberdade da pessoa, `a liberdade do grupo, `a liberdade das instituições e pela subordinação do dirigismo estatal à realização do bem comum, sem privilégios de classe nem de indivíduos<sup>12</sup>.

Sublinha que em sua proposição a idéia não foi focada no espaço individual para a casa própria, mas no conjunto que define como a “área própria do grupo” a fim de ressaltar as características próprias da comunidade. O que não o exime de abordar que “no caso da favela há muito mais razão para se reduzir a metragem do lote (a 100 ou 150m<sup>2</sup>), uma vez que esse terreno próprio estará situado em uma “área grupal específica”, grande condomínio horizontal, onde se garante a convivência necessária à comunidade”<sup>13</sup>.

E sobre a “arquitetura natural” defende que:

---

<sup>11</sup>Idem, op. cit., 146.

<sup>12</sup> Idem op. cit. p.147

<sup>13</sup> Idem op. cit. p.149

“(sic) Tudo o que vai contra a vida esta fadado a morrer. A arquitetura também. A favela é um processo de vida coletiva. A arquitetura que lhe queira impor formas e estilos encontra a mesma resistência do individualismo na sociedade.

A função do arquiteto, no caso da favela, deve ser apenas de urbanista e orientador de materiais a serem usados. A arquitetura aqui é tanto mais criadora quanto mais capaz de respeitar a liberdade. (...) As construções obedeceram a estrutura de anfiteatro que é o das favelas. (...) É lógico que as pessoas desçam enfermas até o posto medico, que subam sem carga para fazerem suas compras e desçam carregadas, que peregrinem até o alto para os atos religiosos. Alem do acesso pelos caminhos e ruas que acompanham as curvas de nível, haverá escadas, entrecortadas de patamares, ligando um nível ao outro”<sup>14</sup>

As indicações sobre a movimentação dos habitantes deve-se a proposição dos níveis de implantação dos diferentes serviços. Indica para o nível inferior das elevações a implantação dos edifícios coletivos, tais como os administrativos e postos médicos, no nível médio, a cota ideal para as escolas e na mais elevada “a Praça dos Três

---

<sup>14</sup> Idem op. cit. p.151

Poderes – Centros Religiosos, Distrito Policial e Cooperativa Administrativa”<sup>15</sup>. Esta ultima, relaciona-se ao que atualmente denominamos de supermercado.

Antes de concluir sua proposta, Sergio Bernardes desenvolve o que identifica como “base econômica” explicando que “o terreno será vendido a prestações recolhidas pela Cooperativa da favela e equivalentes a determinada porcentagem do salário mínimo vigente, de modo a garantir ao vendedor a não transtornar a vida do comprador”<sup>16</sup>. Além do procedimento para a aquisição do lote descreve sobre o fornecimento dos materiais para a construção das unidades residenciais pela Cooperativa, bem como sobre a participação do Estado como o realizador dos serviços públicos, o que será ressarcido facilmente através da cobrança dos impostos prediais e das taxas especiais. Pois a boa realização desses serviços públicos é garantia de administração e policiamento e, “sobretudo, pela recuperação dos favelados à maior produtividade econômica e pela sua libertação de um estado de “anomia”<sup>17</sup>.

E conclui explicando que:

---

<sup>15</sup> Idem op. cit. p.151

<sup>16</sup> Idem op. cit p.152

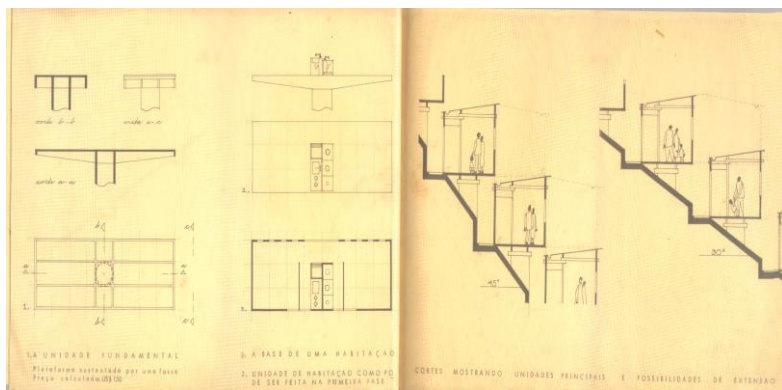
<sup>17</sup> Idem op.cit. p.152

(sic) Partimos da análise sociológica do grupo e das exigências da estrutura social em que se encontra. (...) Seus princípios não dependem do problema do espaço mas da funcionalidade da comunidade, que pode ser agrícola ou urbana e deve ser sempre analisada em seu condicionamento natural e sua capacidade de resolver seus próprios problemas. (...) A economia proporcionada por esta solução, permitirá ao governo aplicar somas antes destinadas a esse problema, em pesquisas regionais, que criem condições de trabalho partindo do ponto básico de que a habitação é colateral ao trabalho. (...) Acresce ainda observar o que isso representa para a formação e o desenvolvimento de uma mentalidade nacional de produtividade e não de favor, de respeito e não de demagogia<sup>18</sup>.

Apresenta uma série cartográfica do Rio de Janeiro com informações sobre, por exemplo: os imigrantes rurais, períodos de nascimentos, modificações geológicas – chuvas, casas demolidas – matam pessoas; ferrovias e montanhas principais; distribuição de locais de trabalho – distribuição de população, entre outros. E conclui as informações cartográficas com sua proposta para as habitações, origem da realizada no Humaitá a qual nos interessa pesquisar.

---

<sup>18</sup> Idem op.cit. p.153



Fonte: 2

## Referencia Bibliográfica:

1. BERNARDES, Sergio - Entrevista para o jornal O Globo de 19 de outubro de 1970.

2. \_\_\_\_\_, **Considerações de base**. In: BERNARDES, Kyka e CAVALCANTI, Lauro (org.), **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: ARTEVIVA, 2010, p. 140 e 142.

3. BEZERRA DE MENESES, Ulpiano, **A crise da memória, historia e documento: reflexões para um tempo de transformações**. In LOPES DA SILVA, Zélia (org.), **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas**, São Paulo: UNESP, 1999.

4. BRITTO, Alfredo, **Sergio Bernardes e o Rio**. In In: BERNARDES, Kyka e CAVALCANTI, Lauro (org.), **Sergio Bernardes**. Rio de Janeiro: ARTEVIVA, 2010, p. 131.

5. LE GOFF, Jacques, **Histoire et mémoire**. Paris: Éditions Gallimard, 1988.

Fonte: livro **Sergio Bernardes** p. 145 (1) e 160 e 161 (2).